

LUCIANO MAIA E A LUZ DO POEMA

Sânzio de Azevedo

TEMPO houve em que, para muitos, a diferença entre poesia moderna e tradicional (como se existisse uma tradição que englobasse todas as poéticas do passado) estava no fato de o verso ser medido ou livre. Havia então duas facções que tentavam deglutir-se antropofagicamente: a dos que só viam poesia nos versos medidos e rimados e achavam que verso livre é coisa de quem não é poeta, e a outra, dos que julgavam que arte era o verso livre, e que para fazer um soneto bastavam as regras dos tratados. Esqueciam os primeiros que não é o metro que faz o poeta (ver Aristóteles), e os segundos, que da imensa chusma de versejadores nacionais ficaram poucos grandes poetas, e um deles não foi certamente o autor da *Arte de Fazer Versos* (1912)...

A chamada Geração de 45, tão atacada por alguns setores da Crítica (os saudosistas de 22), teve entre outros o mérito de repensar a forma poética ou poemática, e hoje podemos concluir que tanto existem sonetos rigorosamente rimados e metrificados e absolutamente modernos, como poemas sem rima e em verso livre, mas com um discurso nitidamente clássico, ou pior, obsoleto...

Estas considerações críticas nos vêm da leitura e releitura dos poemas de Luciano Maia, um poeta que sabe trabalhar o verso. Desde seu livro de estréia, *Um Canto Tempestado* (1982), ele demonstra, em sua arte de forte cunho social e telúrico, um seguro domínio da técnica versificatória, e isso podemos ver em qualquer composição do livro, como neste "soneto que habita o tempo do amor":

Um nome claro lume habita a luz
que incendia meu peito numa aurora
de ternura-futuro que conduz
o facho aceso da ternura-agora
um nome de candeia guarda azuis
chamas de estrelas pelo espaço afora

o mesmo espaço (mãos e braços nus)
que em minhas mãos e nos meus braços mora
um nome agora e sempre habita o instante
mais largo e mais profundo do meu peito
dele o mais companheiro o mais amante
um nome intimidade habita o leito
futuro tempo verbo que adiante
conjuga o antes-depois mais-que-perfeito.

Ligados os versos por encadeamentos sucessivos, lembrando a atafinda galalco-portuguesa, o poema é apresentado por isso em um só bloco; mas o esquema rimático mostra que se trata de um soneto petrarquiano em ABAB/ABAB/CDC/DCC.

É tamanha a segurança do artífice que não tememos afirmar como propositais (com vistas mais ao oral do que ao canônico) certas quebras do rigor métrico no livro, como a eclipse no verso "Estórias de trancoso de ontem-agora", a anápeste em "Em qualquer chão da América (tanto faz" ou a apócope em "A luz o amor a inumerável ajuda").

Esse poeta, que trabalha todos os metros, abre seu segundo livro, JAGUARIBE (Memória das Águas), de 1982, com uma dedicatória em oitava rima:

Aos poetas duendes do sertão
reinventores mágicos da lenda
recontada nas noites de clarão
(barco-viola aos remos da contenda
seguinte a correnteza do refrão)
na torrente da rima em cuja senda
desliza o meu poema de alma andeja
neste rio de verve sertaneja.

Nos dez anos de morte do maior poeta do Chile, publicou o escritor cearense NERUDA — canto memorial (1983), um canto de dor pela morte do Poeta e da Liberdade, mas onde há a esperança de uma luz após as trevas do fascismo interamericano: "(Mas um dia será dia: / cantaremos a canção / da inaugurada alegria)".

SOL DE ESPAVENTO (1984) confirma o que estava claro nos livros anteriores: Luciano Maia é um artista que trabalha o verso com muita consciência, podendo parecer um clássico ao erguer-se nas colunas do soneto, ou um cantor sertanejo voando nas asas da redondilha.

Além do mais, tanto canta em sua língua como em espanhol ou em galego, idiomas em que é provector. E a tal ponto se identifica com a alma hispânica, que o seu alexandrino é o arcaico, chamado de alexandrino espanhol, usado por Espronceda (1808-1842) na Espanha ou por Amado Nervo (1870-1919) no México. Em Luciano Maia lemos:

Macário Gavião atou à sua vida
um amor de febris e tais inquietações,
que já não era a lei que mais o perseguia,
mas a insídia e o assédio de um rival de paixões.

A alguém que tenha aprendido a contar sílabas, mas sem conhecer arte poética, parecerá errado o quarto verso, que na verdade soma 13 sílabas, em vez das 12 normais. É o caso ainda de "dos céus curvos e estradas da vida do bandido" e "Sabiam já seus olhos de outro olhar de revolta". Esse porém é um alexandrino de formação própria, verso onde não se contam as sílabas que acaso sobrem do primeiro hemistíquio ou metade, e que pode atingir até 14 sílabas, como ocorreu em Varela e Castro Alves no nosso Romantismo.

Neste ano de 1986 deu-nos o poeta seu quinto livro, SEARA. Tendo nas capas uma reprodução do mapa do Ceará de Schwartzmann e Martius, de 1831, é uma obra em que se conjugam sentimento poético (de fortes tons líricos e épicos) e seguro embasamento cultural, mergulhando o autor, para cantar a sua (nossa) terra nas páginas vivas de nossa História: o "Rostro Hermoso" visto por Pinzón, a saga de Pero Coelho, a aventura de Soares Moreno, as falas dos tupis, o avanço dos batavos, os massacres das tribos indígenas, a morte de Tristão Gonçalves, a chacina do Caldeirão, tudo re-vive no verso de fogo do poeta, que diz, a certa altura:

Ah, queria que o meu poema
pudesse dizer do pranto
correndo sobre os caminhos
dos que entre nós já não são.

Entretanto, o poeta não quer apenas re-contar os episódios da História pretérita, dos tempos muito antigos. Ele não fica indignado apenas com os massacres ordenados por Gusmão, Olival, Barros Braga, Jorge Correia e outros; ou com o martírio revoltante de Mororó, Pessoa Anta, Ibiapina, Azevedo Bolão e Carapinima, por ordem de Conrado Jacob de Niemeyer (nome

que o autor não declina, mas que aqui registramos, para execração de quem o leia). O poeta fala do presente: após falar do massacre dos Icós, Carateús, Cariris, Cariús e Jenipapos, clama e exclama:

E depois, 1764, 1864, 1964!
Abril: junto à mentira nasce o dia.
Soa a hora do Brasil? O sino bate.
É o TARDE DEMAIS? É a agonia?
Queremos hoje a hora do resgate.

Adiante o poeta encontra o Velho Cantador, e dá-lhe este mote, para que o glose nos decassílabos de seu martelo agalopado:

— DIVIDIR O DOMÍNIO DA SEARA
COM QUEM PLANTA ESTE CHÃO DIA APÓS DIA.

O poeta, com seu canto generoso, arranca as lições do passado e as projeta no futuro:

Quando o povo vier, por fim, pisar
o chão antigo desta mesma praça,
com as mãos do artesão e do operário
será erguida esta palavra acesa,
no dia inaugurado. E a tarde livre
proferirá a sentença do futuro.

Luciano Maia é um poeta social, mas é, antes de tudo, um poeta, e isso é o que mais importa, porque em arte não bastam intenções se o verso não tem a luz da poesia. E é essa luz, feita de fonemas, de vocábulos escolhidos e de metáforas fundadoras, que ilumina a obra desse cearense de 37 anos, que já figura, sem favor, entre os mais destacados nomes da poesia cearense contemporânea.